

1 Introdução

A revista *CULT*, em sua edição de setembro de 2009, publicou um dossiê intitulado “Para onde vai o mundo do trabalho?” que reúne ensaios nos quais autores da sociologia, da filosofia e da psicologia social tentam, de alguma maneira, responder à questão colocada já no título do documento. De acordo com os editores da revista, uma investigação ampliada a respeito do trabalho se justifica neste momento, uma vez que os recentes acontecimentos na economia global parecem pôr em questão o estatuto do trabalho no bojo do sistema produtivo e, ao mesmo tempo, exigem novas referências para se pensar os rumos do trabalho no século XXI. Assim, nesta publicação, foram oferecidas diferentes análises a respeito de temas variados como índices de desemprego, motivação de trabalhadores e os novos moldes da condição operária, nas quais foram apontadas direções diversas, sem, no entanto, que fosse possível sintetizar uma conclusão única. A apresentação deste dossiê aponta, portanto, não apenas a necessidade de uma análise cuidadosa sobre o mundo do trabalho hoje, como também evidencia a complexidade de um contexto cuja compreensão certamente não se restringe a uma única área do conhecimento.

Assim, considerando, inicialmente, o campo das Ciências Sociais e Políticas, verifica-se que, frente às metamorfoses em curso nas últimas décadas, há autores que percebem um movimento de negação e descentralização do trabalho que, junto com a produção de mercadorias, estaria sendo gradativamente substituído pela esfera das comunicações e da informação (ANTUNES, 1999). De acordo com esta proposta, o sistema econômico vigente depende essencialmente do capital imaterial e intangível, o que faz com que o papel do sujeito protagonista do trabalho diminua expressivamente, diferentemente do que teria caracterizado as primeiras configurações do capitalismo. Neste contexto, as previsões acerca do futuro do trabalho apontam para uma tendência à pulverização das atividades laborativas, acompanhada de uma atenuação da clássica oposição entre capital e trabalho que, desta forma, experimentariam uma aliança e uma acomodação inéditas (ANTUNES, 1999).

Por outro lado, há também aqueles que entendem que tais análises restringem-se apenas às aparências de um período em que ganha destaque uma

concepção mais abstrata do trabalho. Para estes estudiosos, o trabalho ainda se afirma e se confirma como uma categoria central no tecido social atual, de forma que o entendimento a respeito das mutações observadas hoje precisa se estabelecer a partir de bases mais amplas e profundas. Neste sentido, propõe-se haver uma “*interpenetração*” (ANTUNES, 1999:13) entre produção e informação, atividades fabris e serviços, e não simplesmente uma substituição entre estes elementos. Assim, ao contrário das teorias que preconizam uma substituição das atividades laborativas, os defensores da centralidade do trabalho no contexto atual sugerem existir determinadas contradições inerentes ao sistema capitalista que as flexibilizações em curso hoje não são capazes de remediar, podendo apenas escamotear e, com isso, acentuar suas conseqüências. Neste sentido, a precarização das formas de contratação, longe de indicar uma superação da importância do trabalho produtivo, confirma sua centralidade ao implicar um aumento na intensidade da exploração e da vulnerabilidade dos próprios trabalhadores. Diante de tais diferenças entre as perspectivas teóricas aparece um único aspecto em comum, isto é, a constatação por todos os pesquisadores de que estamos diante de um contexto marcado por “*uma significativa heterogeneização, complexificação e fragmentação do trabalho*” (ANTUNES, 1999:209), sem que seja possível, no entanto, estabelecer qualquer conclusão ou descrição definitiva.

A constatação desta complexidade característica do momento atual do trabalho não se restringe, contudo, à escala sócio-política, já que a vivência destas novas configurações pelos trabalhadores também traz conseqüências significativas. É, então, justamente no que diz respeito à experiência subjetiva da nova realidade do trabalho que propomos uma reflexão a partir do ponto de vista da psicanálise. Nosso trabalho se constitui, portanto, como uma investigação sobre os efeitos psíquicos da relação trabalhadores/mundo do trabalho, privilegiando as especificidades que ela adquire no contexto contemporâneo.

O emprego do termo *trabalho* em psicanálise aparece, em um primeiro momento, a partir de sua associação a operações intrapsíquicas, o que se dá principalmente através de conceitos como os de “trabalho do sonho” (FREUD, 1900) e “trabalho do luto” (FREUD, 1917[1915]), e também a partir da clássica definição de pulsão como “*uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em conseqüência de sua relação com o corpo*” (FREUD, 1915:148). De

forma mais indireta, também a noção de “elaboração” - expressão presente já em estudos realizados por Charcot no final do século XIX - está incluída nesta perspectiva, uma vez que seu radical “-labor”, embora tenha uma origem etimológica bastante diferente daquela encontrada no termo *trabalho*, também indica, em última análise, a “*realização de uma tarefa*” (FERREIRA, 1993:473), expressão que pode ser tomada como uma primeira definição de trabalho. Estas noções, por sua vez, podem ser aproximadas e articuladas entre si, já que estão todas “*em referência à concepção freudiana de um aparelho psíquico que transforma e transmite a energia que recebe*” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1982:143), isto é, realiza um trabalho psíquico. Neste sentido, André Green (2002) enfatiza:

Na verdade, se o aparelho psíquico é concebido como o lugar dos processos de transformação no interior das instâncias e entre elas, a própria idéia de trabalho tem essa mesma essência (GREEN, 2002:260)

O trabalho do sonho, o trabalho do luto e a elaboração representam, portanto, formas pelas quais a noção de trabalho se faz presente em psicanálise, articulada à metapsicologia freudiana, mais especificamente ao ponto de vista econômico. Assim, estas diferentes formas de representação do trabalho em psicanálise contribuem na realização da função principal do aparelho psíquico, qual seja garantir que a energia psíquica permaneça no nível mais baixo possível, obedecendo, assim, ao princípio de constância e ao princípio de prazer.

Como destaca Ruffino (2000) a noção de trabalho ainda aparece de outra maneira, ao longo dos textos de Freud, descrevendo, então, a realização de uma atividade produtiva. Com isso, ao lado da concepção de trabalho que tem como palco o aparelho psíquico e como operadores as instâncias que o compõem, emerge uma segunda forma de utilização da idéia de trabalho na obra de Freud, a qual privilegia o indivíduo em sua inserção na realidade sócio-histórica (RUFFINO, 2000). Aparentemente, é este segundo uso do termo *trabalho* que é enfatizada quando, em seus escritos técnicos Freud sugere que a restauração da capacidade de amar e de trabalhar como é o grande objetivo de um processo de análise. Assim, em um dos primeiros textos dedicados especificamente à técnica da psicanálise, *O método psicanalítico de Freud* (1904[1903]), já fica bastante

claro que a restauração da “*capacidade de rendimento e gozo*” (FREUD, 1904[1903]:237) deveria ser tomada como a principal meta do tratamento.

A articulação entre o amor e esta segunda concepção de trabalho enquanto exercício de uma atividade produtiva, para além do aspecto clínico, também protagoniza a compreensão de Freud sobre o processo civilizatório. Em *O mal-estar na civilização* (1930[1929]) estes dois elementos são apresentados como as bases do laço social ou ainda como o fundamento das comunidades humanas:

A vida comunitária dos seres humanos teve, portanto, um fundamento duplo: a compulsão para o trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que fez o homem relutar em privar-se de seu objeto sexual – a mulher – e a mulher, em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada – seu filho. (FREUD, 1930[1929]:121)

Assim, de acordo com Freud, o trabalho se estabeleceu nas sociedades humanas fundamentalmente em função da necessidade de obter alimento e proteção. Neste contexto, trabalhar em conjunto se revelou uma forma bastante eficiente de controle das forças da natureza, assegurando a sobrevivência de todos e minimizando o inevitável sofrimento causado pelo mundo externo (FREUD, 1930[1929]:96).

Ao mesmo tempo, junto a estas funções de subsistência e proteção, o trabalho desempenharia ainda um outro papel, também essencial para a manutenção das sociedades, referente à produção de cultura e à regulação das relações entre os indivíduos. Para tanto, Freud (1930[1929]) supõe que o trabalho se dá pelo deslocamento da libido de seus objetivos originais. Então, na busca por sua felicidade, o ser humano se utiliza de diferentes recursos para minimizar o sofrimento que inevitavelmente emerge a partir de sua relação com o mundo, pretendendo, com isso, elidir a frustração e encontrar diferentes formas de obtenção de prazer. O deslocamento da libido é, assim, apontado pelo autor como sendo uma das soluções mais interessantes, já que, ao se reorientar os objetivos pulsionais para uma atividade não sexual, se estabelece uma forma de satisfação que não rivaliza com os propósitos sociedade (FREUD, 1930[1929]:98). Esta forma de deslocamento pulsional em jogo na realização do trabalho seria representada pela sublimação das pulsões e se afirmaria como uma forma de satisfação pulsional que “*possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos*” (FREUD, 1930[1929]:98).

A partir disso, é possível perceber como os dois usos do termo “trabalho” em psicanálise são, na verdade, indissociáveis. Neste sentido, a produção cultural, ao mesmo tempo em que se destaca como diferencial do trabalho considerado em sua dimensão sócio-política, só pode ser compreendida a partir do entendimento do trabalho psíquico em que esta atividade se fundamenta. Assim, a proposta de que a realização de uma atividade produtiva, como o trabalho intelectual e profissional, se dá através da sublimação é o que permite conhecer a movimentação e a transformação pulsional nele implicadas, bem como a obtenção de prazer e a proteção psíquica por ele oferecidas.

Esta relação entre trabalho e sublimação, proposta como um dos pilares da civilização, fundamenta também o entendimento a respeito da forma de trabalho que, mais recentemente, as culturas instituíram em sua organização: o trabalho profissional. Em um comentário a respeito deste tipo de trabalho, apresentado também no contexto do *Mal-estar*, Freud (1930[1929]), inicialmente, reforça a importância desta atividade como uma técnica eficiente para assegurar ao homem um lugar seguro na comunidade humana (FREUD, 1930[1929]:99). A seguir destaca o fato de ser a atividade sublimatória o que viabiliza a realização do trabalho profissional “*comum e aberto a todos*” (FREUD, 1930[1929]:99):

[Nota]. Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende tanto o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados. (FREUD, 1930[1929]:99)

Apesar da dificuldade de se “*examinar adequadamente a significação do trabalho para a economia da libido*” (FREUD, 1930[1929]:99), a sublimação é, então, confirmada como um importante mecanismo psíquico em jogo na realização do trabalho que, desta forma, revela ser cultural e subjetivamente relevante.

A associação entre trabalho e sublimação não foi, entretanto, inaugurada no *Mal-estar*, estando presente já no texto de Freud sobre Leonardo da Vinci (FREUD, 1910b):

A observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria conseguiu orientar uma boa parte das forças resultantes do instinto sexual para a atividade profissional. O instinto sexual presta-se bem a isso, já que é dotado de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados. (FREUD, 1910b:72)

Assim, tanto nesta passagem do texto de 1910 quanto no argumento de 1930, a associação com a sublimação sugere que o trabalho é uma forma de satisfação “*mais refinada e mais alta*” (FREUD 1930[1929]:98), aliada à busca pela felicidade, à construção da cultura e à proteção psíquica e, portanto, implicada na mediação das relações do sujeito com o mundo externo.

A partir disso, algumas questões se impõem na reflexão acerca do contexto contemporâneo do trabalho. Afinal, a realização do trabalho profissional, tão ampliada nas últimas décadas a todas as classes sociais, tendo se tornado acessível a homens e mulheres, de fato, é hoje experienciada como uma atividade capaz de propiciar uma fonte especial de satisfação? Será possível assumir que os sujeitos têm atualmente o trabalho como uma atividade capaz de oferecer uma forma de proteção psíquica?

Uma matéria publicada no dia 16 de setembro de 2007, pelo caderno “Boa Chance”, do jornal *O Globo*, apresenta os resultados de uma pesquisa segundo a qual levar trabalho para casa virou rotina entre os trabalhadores. O estudo foi realizado a partir de entrevistas com profissionais ligados à área de serviços, tais como advogados, designers, médicos, publicitários, além de funcionários públicos, e pessoas que trabalham no comércio. Em comum, todos os entrevistados tinham o fato de estarem ligados a uma empresa por algum tipo de contrato, o que excluía, portanto, os profissionais liberais. De acordo com os resultados apresentados, mais da metade dos trabalhadores conclui suas tarefas em casa mais de uma vez na semana, em função de atrasos no cumprimento de prazos e da falta de tempo para conclusão das tarefas dentro do horário de trabalho. Desta forma, quase 60% dos profissionais afirma deixar de fazer alguma coisa de que gosta para trabalhar além do expediente normal. A pesquisa ainda aponta que,

segundo os entrevistados, caso não fosse ocupado pelo trabalho, este tempo poderia ser destinado à diversão, ao relacionamento com a família, a atividades físicas, entre outros. Especialistas procurados pelo jornal apontam que a utilização de celulares e da internet tem possibilitado a flexibilização dos horários de trabalho, o que, no entanto, não se reflete como uma maior comodidade para os trabalhadores. Ao contrário, como afirma o diretor de uma multinacional de Recursos Humanos entrevistado, o que se verifica é que frequentemente trabalha-se das 8h às 18h em um escritório, dentro da empresa e, depois disso, ainda é exigido pelo empregador que se esteja disponível. Segundo o estudo, como consequência destas circunstâncias em que o trabalho ocupa excessivamente a rotina pessoal, emergem ambientes de trabalho marcados pela insegurança, nos quais tudo se torna urgente, contribuindo para que os trabalhadores se sintam cansados e desmotivados.

Tais resultados evidenciam a ocorrência de certas formas de sofrimento e desgaste ligadas à atividade profissional e que emergem especificamente em um ambiente marcado pela intensidade e pelo excesso de trabalho. Em um primeiro momento, este cenário parece ir na contramão do valor positivo atribuído ao trabalho a partir de sua articulação com o processo de sublimação. Assim, considerando a relação entre trabalho e sublimação estabelecida por Freud, como sendo extremamente benéfica cultural e subjetivamente, de que forma podemos compreender o sofrimento psíquico associado ao trabalho hoje?

No *Rascunho A* dos documentos encaminhados a Fliess, escrito provavelmente em 1892, encontra-se a afirmativa de que “*O excesso simples e a sobrecarga de trabalho não são fatores etiológicos [da neurose]*” (FREUD, 1950a[1892-1899]:254). Assim, em sua primeira aparição na obra de Freud, o excesso de trabalho é descartado como uma das causas do quadro neurótico, o que é reafirmado em *A sexualidade e a etiologia das neuroses* (FREUD, 1898). Neste segundo texto, no entanto, o excesso de trabalho é discutido em mais detalhes, a partir dos quais Freud propõe pela primeira vez uma forma de se compreender os sintomas psíquicos decorrentes destas circunstâncias:

Mas o elemento do ‘excesso de trabalho’, que os médicos tanto gostam de apontar a seus pacientes como causa de suas neuroses, é com demasiada frequência indevidamente usado. É bem verdade que qualquer pessoa que, devido a perturbações sexuais, tenha-se predisposto à neurastenia, tolera mal

o trabalho intelectual e as exigências psíquicas da vida; mas ninguém se torna neurótico apenas por efeito do trabalho ou da agitação. O trabalho intelectual é, antes, uma proteção contra a neurastenia; são precisamente os mais incansáveis trabalhadores intelectuais que escapam da neurastenia, e aquilo de que os neurastênicos se queixam como ‘excesso de trabalho’ que os faz adoecerem não merece, em geral, ser chamado de ‘trabalho intelectual’, seja por qualidade, seja por quantidade. (FREUD, 1898:243)

Nesta passagem, o trabalho é confirmado como uma atividade bastante benéfica ao funcionamento psíquico, capaz, inclusive, de proteger os sujeitos contra o adoecimento neurótico. Neste sentido, pode-se dizer que em 1898, o trabalho intelectual, bem como outras tarefas exigidas pela organização civilizatória, assumem um valor semelhante ao que adquiririam posteriormente, com a aproximação com relação à idéia de sublimação. O reconhecimento das vantagens psíquicas trazidas pelo engajamento em atividades desta natureza, no entanto, contrasta com as formas de adoecimento ligadas ao excesso de trabalho, que seriam observadas pelos médicos com bastante frequência, já no século XIX. Assim, confirmando sua posição já expressa no *Rascunho A* (FREUD, 1950a[1892-1899]) escrito alguns anos antes, Freud repudia a hipótese de que seja o trabalho a causa de tais sintomas e propõe que intolerância ao excesso destas atividades seria, na verdade, decorrente de um adoecimento neurótico anterior, ligado à sexualidade. Além disso, esta forma de trabalho capaz de agravar ou mesmo desencadear um conflito psíquico, ainda que não seja compreendida como uma das razões do adoecimento, não poderia ser considerada trabalho intelectual - e, portanto, sublimatório -, pois não desempenharia a função de proteção psíquica própria deste tipo de trabalho.

Trinta anos depois, em *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937), o excesso de trabalho voltou a ser mencionado por Freud a partir de outro ponto de vista, de acordo com o qual é reconhecido o “*direito à importância etiológica de fatores não específicos, tais como o trabalho excessivo, o choque, etc.*” (FREUD, 1937:258). Assim, ainda que seja como um fator não específico, em 1937, o excesso de trabalho figura entre as causas do adoecimento neurótico, ao contrário do que havia sido proposto anteriormente. No que diz respeito ao excesso de trabalho, portanto, Freud parece ter uma posição marcada por certa ambigüidade, uma vez que ora destaca que “*ninguém se torna neurótico apenas por efeito do trabalho ou da agitação*” (FREUD, 1898:243), ora inclui este fator como

significativo na etiologia da neurose. Apesar desta ambigüidade, nota-se que, em ambos os casos, o excesso de trabalho aparece associado a um sofrimento psíquico para o qual Freud não parece ter uma explicação definitiva.

Algumas hipóteses podem ser levantadas frente a estas questões. Por um lado, considerando a articulação entre trabalho e sublimação, pode-se indagar se os sintomas comumente atribuídos a um excesso de trabalho não se deveriam, na verdade, à configuração do que seria um excesso sublimatório. Neste sentido, será que as formas de sofrimento ligadas ao trabalho na atualidade poderiam ser também atribuídas a um abuso da capacidade sublimatória? Um maior esclarecimento acerca de tais questões certamente exigiria uma investigação em torno da sublimação e de seu funcionamento, no sentido de se compreender o que acontece quando esta se torna excessiva – e se, de fato, a hipótese de um excesso sublimatório é pertinente.

Por outro lado, podemos questionar também se a relação entre trabalho e sublimação é mesmo tão consolidada e estável. Neste sentido, em uma discussão a respeito das fontes da sexualidade infantil, Freud (1905b) destaca que a concentração de atenção em um trabalho intelectual pode, de fato, suscitar uma excitação sexual. Então, sem vincular, neste momento, este tipo de trabalho à sublimação, Freud volta a citar a *“tão duvidosa prática de derivar as perturbações nervosas do ‘excesso de trabalho’ intelectual”* (FREUD, 1905b:192), supondo que o que geralmente se identificaria como sintoma seria, na verdade, derivado da excitação sexual comum nestas situações. Aqui, portanto, a possibilidade de o trabalho promover uma excitação sexual parece caminhar na contramão da proposta sublimatória, que conferiria um caráter assexual ao trabalho, uma vez que sua realização supõe um abandono dos objetivos originais da pulsão e sua substituição por outros, afastados da esfera da sexualidade e socialmente valorizados. Sendo assim, o que, então, estaria em jogo na realização desta atividade? Esta possível contestação da articulação entre trabalho e sublimação colocaria em questão a hipótese da sublimação como via privilegiada de produção da cultura? Neste caso, que outros mecanismos estariam implicados na produção cultural, em especial na realização do trabalho?

A tentativa de investigar estas questões resultou neste trabalho, dividido em três capítulos. No primeiro deles, realizamos uma retrospectiva do conceito de

sublimação na obra de Freud, investigando o modo como este processo psíquico foi abordado em diferentes momentos da teoria. Assim, procuramos definir como o funcionamento da atividade sublimatória foi descrito no contexto da primeira e da segunda tópica, articulado também às mudanças na teoria sobre as pulsões.

No segundo capítulo, traçamos um panorama sobre as transformações sociais sofridas pelo trabalho ao longo da história ocidental, através das quais foi, aos poucos, adquirindo as características que se fazem perceber no cenário atual. Assim, a partir de autores das Ciências Sociais, apresentamos alguns elementos que se destacam na organização do mundo do trabalho hoje e na atual experiência subjetiva dos trabalhadores.

O terceiro capítulo traz uma discussão a respeito dos processos psíquicos que hoje atravessam a experiência do trabalho. Assim, a partir da teoria psicanalítica, procuramos, inicialmente, ampliar o entendimento das conseqüências acarretadas pela configuração de um excesso sublimatório. Em seguida, propusemos uma retomada detalhada da diferenciação entre os conceitos de sublimação e idealização, a fim de investigar de que forma estes processos psíquicos estariam relacionados à vivência do trabalho hoje.